

O gato do sr. Grey

O GATO INGLÊS do senhor Grey tocava Morse e falava chinês. O gato inglês do senhor Grey (Anthony, eis o seu nome — e muito prazer) o gato inglês tinha o rabo escondido e o gato de fora. (Por isso acabou mal: os temíveis chineses da Revolução Cultural enforcaram-no). O gato inglês do senhor Grey não teve a sorte do dono que foi acusado de espionagem e já cá está, na pátria dos bons sentimentos, sorridente e disposto a contar tudo. O gato, esse morreu no seu posto, vítima dum erro político. É tudo.

O CARRASCO DO SOL-NASCENTE

Enforcar um gato é coisa que só lembra ao diabo amarelo. Mas lembrou — garante o senhor Grey, exilado da Reuter e do Império que agora, ao cabo de dois anos de cativeiro em Xangai, alcançou o primeiro lugar nos noticiários e nos microfones da propaganda com entrevistas e declarações.

Sim, enforcaram-lhe o gato. E de todas as turturas psicológicas a que foi submetido o jornalista recuperado foi isso que assombrou mais veementemente o cidadão britânico. O *Times* e o *Guardian* escolheram o crime do gato para título da primeira página, deixando na sombra a figura de Grey...

Alheios ao facto, os gatos residentes na Grã-Bretanha mantêm-se inacessíveis, vivendo bem e comendo melhor. Não são como os nossos, que andam pelos telhados a fazer pela vida, nem fogem, desconfiados, ao primeiro sinal dos humanos. Pelo contrário. Comportam-se com outra tranquilidade, passeiam-se com uma indiferença que não pode deixar de intrigar o observador em trânsito e que o obriga a certas considerações de civilidade.

Isto no que respeita aos gatos, porque em relação aos cães a vida ainda é mais folgada na Inglaterra. Um cão aqui, seja emigrado ou natural, tanto faz, goza de uma carta de privilégios que é comumente observada e que se elegeram em emblema de qualidade humana e em índice de civilização. De norte a sul, até onde alcança o faro, as ligas locais multiplicam-se e fazem apoio à todo-poderosa Sociedade Protectora dos Animais com vistas a garantirem o prestígio e a dignidade do maior amigo do homem. E assim é que está certo. Na Televisão e na Imprensa uma das maiores percentagens de publicidade incide sobre alimentos enlatados e artigos de limpeza destinados aos caninos, e a imagem da ternura da infância distribuída pelos *mass media* aparece frequentemente associada ao cão.

Ao cão e ao cavalo. Mas neste capítulo — Cavalos — mais respeito ainda, se possível. Desde o proverbial interesse que lhe dedica Sua Majestade, a Rainha, até ao assombroso circuito comercial que mobiliza (exposições, movimento editorial, impostos e seguros, derbies, apostas, etc.) o cavalo ocupa o primeiro lugar zoológico na escala de John Bull. *Le Cheval et Mon Droit*.

É a cavalo que Isabel II preside ao juramento anual de todos os regimentos, é a cavalo que se comanda o render da guarda, divulgado nos postais coloridos. Ali Khan e Soraya posaram oficialmente para a opinião pública inglesa montados nos seus puros-sangues; Onassis, idem. Do alto de um belo cavalo podem contemplar-se os séculos e o império — penso eu.

CAVALO (SEM TRÓIA A VISTA)

Um cavalo vive, um cavalo morre. Um cavalo tem as suas glórias e o seu oco, aqui como noutra parte qualquer deste mundo transitório. Há no entanto que distinguir entre

a segurança social dos equídeos sob a protecção britânica e os azares daqueles que os maus fados lançaram para sociedades menos favorecidas.

Cavalos de trabalho, aqui, nas doces ilhas, não têm o destino cruel do tiro de misericórdia ou da mão do açougueiro: Wight espera por eles. Exacto.

Wight, a famosa ilha dos elegantes, das enseadas de *yachts* e das regatas do Duque de Edimburgo, tem bucólicos e tranquilos *sanctuaries* (assim mesmo: *sanctuaries*, como são conhecidos) onde os rociantes das minas e do campo vão terminar os seus dias em ameno e merecido repouso. Há outras estâncias semelhantes por toda a Inglaterra, mas Wight, hoje em dia, está para os cavalos reformados como Brighton está para a burguesia aposentada e para os socialistas de Wilson.

Esta zootilia salutar desenvolve-se pelo reino com devotado entusiasmo e grande abnegação das populações locais. Ocupa a Imprensa, mobiliza o dia a dia. Recentemente alguns sociólogos verificaram com prova formada que a introdução de exotismos no vestuário vem correspondendo a uma adopção de novos animais à vida doméstica. Assim, o esquilo, o pequeno leopardo, aves raras, mangustos, saúgs, hamsters e o mais que dá a fauna disponível, tudo ingressa no lar britânico sem desprimor para a consagrada trilogia do Gato, Cavalo & Cão.

Houve protestos e debates públicos contra isso, mas sem resultado. É que na democracia de Wilson as regras das instituições seguem-se à letra e não admitem favoritismos. Ainda há tempos um *stunt man* foi levado aos tribunais pela Sociedade Protectora dos Animais por ter actuado em público com um crocodilo cujas mandíbulas estavam covardemente amarradas com um arame.

OS ANIMAIS DO SR. TORY

Enquanto o gato do ex-prisioneiro Grey teve o fim dos heróis e passou à história como ilustração das liberdades imoladas, os conservadores ingleses, reunidos no seu Congresso anual, pretendem repor a pena de morte por enforcamento.

A falta de pontos de discordância com o socialismo trabalhista, trouxeram este à ordem do dia. Este e o da Rodésia, claro. No resto, até as suas divergências encontram alguns apoios no campo adversário, como é o caso do progressivo *Observer* que, em artigo de fundo, declarava que os 500 mil desempregados ingleses constituíam a demonstração de uma política inteligente. Inteligente porque provava que o seguro de trabalho garantia, por si só, meios de subsistência aos que não trabalhavam; e porque essa reserva de desocupados não tardaria a ser mobilizada com a evolução crescente da produção industrial, dado que a balança importação-exportação tinha atingido, pela primeira vez de há muitos anos, o equilíbrio; e porque o desemprego em sociedades bem organizadas (?) é uma crise de crescimento; e porque

mais isto e mais aquilo. Entim era uma política inteligente.

Indirectamente, o progressivo *Observer* trazia novos apoios ao extremismo do deputado conservador Enoch Powell na sua campanha contra a emigração e os *coloured peoples*. Para já confirma-lhe os números, e depois, pela fraqueza dos argumentos, sublinha-lhe o alarme.

Alarme em quê? Alarme em tudo, até no índice de homicídios que, segundo o nacionalismo de Powell, cresce assustadoramente na Inglaterra e tem como terreno favorito as áreas sociais mais pobres e com problemas de integração — os imigrantes, subentende-se.

Num debate na Televisão, Powell pretendeu defender as suas teses entre apupos e argumentos que o destruíram. Disse-se cristão e parece que é; vive em Londres onde a crueldade para com os animais é punida por lei. Deseja apenas, honestamente, no interesse de pôr cobro ao desemprego e ao crime, fazer uma escolha de imigrantes e devolvê-los com respeitosa saudade.

Verdade se diga que, para outros colegas de Powell, o *dossier* do crime tem uma articulação diferente. Para eles, tories de boa cepa, o homicídio alastra porque a polícia anda desarmada. A polícia desarmada é uma instituição que granjeou o respeito de todo o Mundo e a confiança do cidadão (o que *efectivamente é verdade* — nota minha, à margem), e modificar este prestígio seria ruinoso. Logo é a brandura do Código Penal que está errado. Logo há que desencorajar o crime, agravando a pena. Logo o regresso à força. *Quod erat demonstrandum*.

BEHAN, O AVISO IGNORADO

Eu bem sei que os países de costumes morigerados e de pena mansa nem por isso deixam de atingir a perpetuidade do castigo. Vê-se isso nalguns raros países da Europa e conhecem-se os inívos processos por que se alcança esse fim. Mas regressar cristãmente à pena de morte é significativo e terrível num país onde as leis se cumprem e não admitem flexões de ocasião.

O grande Brendan Behan, em *The Quare Fellow*, ilustrou a literatura universal com um arrojado libelo contra a pena capital. O rebelde de Dublin, nos seus anos de cadeia, angariou uma experiência que, independentemente de toda a argumentação convencional, destrói os bons raciocínios de Mr. Powell e conservadores correlativos.

Mas *The Quare Fellow* está nas estantes das livrarias e há muito que não é representado nos palcos do Reino. Do sentenciado descrito por Behan não há eco que percorra a cidade ou a memória. De momento, o que se sabe, pela boca desdenhosa de Mr. Grey, é que algures, na China, se enforcou um gato.

LONDRES — Outubro.

José Cardoso Pires

